



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

**ANA RAQUEL SILVA REGINALDO**

**SER MULHER NEGRA ESTUDANTE NA UNILAB/CE: TRAJETÓRIAS E  
AFROAFETOS ENTRE OS ANOS DE 2020-2023**

ACARAPE – CE  
2023

**ANA RAQUEL SILVA REGINALDO**

**SER MULHER NEGRA ESTUDANTE NA UNILAB/CE: TRAJETÓRIAS E  
AFROAFETOS ENTRE OS ANOS DE 2020-2023**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel no curso Interdisciplinar em Humanidades, pela Universidade da Integração Internacional em Humanidades – UNILAB.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacqueline da Silva Costa

ACARAPE – CE  
2023

**ANA RAQUEL SILVA REGINALDO**

**SER MULHER NEGRA ESTUDANTE NA UNILAB/CE: TRAJETÓRIAS E  
AFROAFETOS ENTRE OS ANOS DE 2020-2023**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa  
(Orientadora) (UNILAB/Ceará)

---

Profa. Dra. Natália Cabanillas  
Examinadora Interna  
(UNILAB/Ceará)

---

Profa. Me. Peti Mama Gomes  
Examinadora Interna  
(UNILAB/Ceará)

---

Profa. Me. Marta Quintiliano  
Examinadora Externa  
(UFG/Goiás)

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe Cleonice Bezerra da Silva, por sempre me incentivar, ser a minha fonte de inspiração, por todo cuidado que tem por mim. Ao meu pai Antonio Lincoln Coelho Reginaldo, que sempre motivou a continuar a vida acadêmica e assim como a procurar por mais conhecimento. As minhas irmãs Cleane Bezerra da Silva Caxilé, Liana Silva Reginaldo e Maria Laura Bezerra Reginaldo que me incentivam nos momentos difíceis e estão ao meu lado mesmo distante. A minha madrastra Carla Bezerra e ao meu padrasto Sergio Sampa. Aos meus avós e familiares que sempre demonstraram e continuam demonstrando apoio e felicidade com a minha trajetória e escolhas.

As minhas amigas Isadora Alexandre, Ana Caroliny, Elizabete Essamai, Mariana Doroteia, Graça Sebastião, Rita Aissatu, Fátima Campune, Ericânia Almeida, Fernanda Damião, Diana Duarte, Clara Sambu, Amata Té, Beatriz Marinho, Vitória Rhana... e muitas outras mulheres que me rodeiam e contribuem estando parte da minha rede de afeto e fortalecimento. Aos meus amigos Antonio Iago, Bruno de Paula, Samuel Cunté, Tayrone Silvestre, João Pedro (JP), Thiago Wesley, Kauan Ermeson, Marcelo Manuel, Marcos Gomes, Carrecor Pereira, Mfinda Evaristo... e muitos outros homens que me acompanharam, ajudaram e estiveram presente na escrita, desafios, alegrias e dificuldades durante a realização deste trabalho.

As minhas professoras e professores, em especial prof.<sup>a</sup> Jacqueline Costa da Silva, por ter sido minha orientadora, acolhedora e principalmente compreensiva. A prof.<sup>a</sup> Natália Cabanillas, por todos os conselhos e afeto dentro e fora da universidade. E a todas/todos professoras/es que contribuíram, mesmo que indiretamente, e acreditaram no meu potencial. Principalmente a banca examinadora deste trabalho, a prof.<sup>a</sup> Marta Quintiliano, a prof.<sup>a</sup> Peti Mama Gomes e a prof.<sup>a</sup> Natália Cabanillas, mulheres que me inspiram e são minhas referências acadêmicas e de vida.

As minhas referências acadêmicas e vida, que ajudaram na elaboração deste trabalho epistemologicamente, *bell hooks*, Grada Kilomba, Conceição Evaristo, Oyèrónké Oyèwùmí, Patrícia Hill Collins, Audre Lorde, Carolina Maria de Jesus, Sobonfu Somé, Viola Davis, Angela Davis, Sueli Carneiro, Adilbênia Machado, Lélia González, Vera Rodrigues, Rosângela Ribeiro, Matilde Ribeiro, Ana Eugênio, Alexsandra Alexandre, Eliane Barbosa, Luma Nogueira e várias outras mulheres que são fonte de inspiração de resistência e poder dentro e fora da academia.

A todas/os que convivi durante esses últimos anos dentro do curso e na universidade, que me fizeram perceber, mesmo com os desafios diários, que ainda posso receber afeto e senti-lo em ações no cotidiano. Ao projeto de pesquisa “Gênero e Feminismos da África Global”, ao projeto de extensão “Ateliê de Antropologia Viva” e ao projeto de extensão “Lélia Gonzalez Presente!”. À UNILAB, pela formação profissional, acolhimento, aprendizados e por tudo que vivi positivamente dentro do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades.

“Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida..., mas sempre inventamos a nossa sobrevivência”

Conceição Evaristo (2014, p. 122).

## RESUMO

Por ser o Brasil um país da diáspora africana e a Unilab ser fruto dessa diáspora, o trabalho também segue tendo como base de pesquisa o fato de que a maioria de estudantes são mulheres negras, então por isso, cabe questionar como são as trajetórias dessas mulheres negras estudantes da Unilab, e como o afroafeto contribuem com o pertencimento dentro da universidade? Sendo assim, o objetivo central do texto é analisar as trajetórias e o afroafeto das mulheres negras estudantes dessa universidade referida. Por isso, tem como principal fundamentação teórica *bell hooks* (2021), Marta Quintiliano (2019) e entre outras. Logo, a metodologia deste projeto de pesquisa, tem como método de abordagem a pesquisa qualitativa, com a utilização do tipo da pesquisa narrativa, ademais visa utilizar o método Fotovoz, com a utilização das técnicas da observação etnográfica, assim como o uso da entrevista narrativa e a interseccionalidade. O método de análise das entrevistas será o hermenêutico-dialético. Então, este trabalho busca contribuir em estudos sobre as trajetórias e o afroafeto de mulheres negras universitárias, somando ao reconhecimento e ao empoderamento.

**Palavras-chaves:** Mulheres Negras. Unilab. Trajetória. Afroafetos.

## RESUMEN

Debido a que Brasil es un país de la diáspora africana y Unilab es el resultado de esa diáspora, el trabajo también continúa basándose en el hecho de que la mayoría de los estudiantes son mujeres negras, entonces, vale la pena cuestionar cuáles son las trayectorias de estas mujeres. como estudiantes negros de la Unilab, y ¿cómo contribuye el afroafecto a la pertenencia dentro de la universidad? Por ello, el objetivo principal del texto es analizar las trayectorias y afectos de las estudiantes negras de esa universidad. Por tanto, su principal fundamento teórico son *bell hooks* (2021), Marta Quintiliano (2019) y otros. Por lo tanto, la metodología de este proyecto de investigación tiene como método de abordaje la investigación cualitativa, con el uso del tipo de investigación narrativa, además se pretende utilizar el método Fotovoz, con el uso de las técnicas de la observación etnográfica, así como el uso de la entrevista narrativa y la interseccionalidad. El método de análisis de las entrevistas será el hermenéutico-dialético. Así, este trabajo busca contribuir a los estudios sobre las trayectorias y afroafecciones de las universitarias negras, sumando reconocimiento y empoderamiento.

**Palabras clave:** Mujeres Negras. Unilab. Trayectorias. Afroafectos.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ana Raquel com primas/os e irmã (Liana) na casa da Bisavó paterna (Maria Simão), na cidade de Palmácia/CE.....	37
Figura 2 - Cleonice Bezerra (mãe), Cleane Silva (irmã), Liana Silva (irmã) e Ana Raquel em um evento familiar.....	38
Figura 3 - Cleonice Bezerra (mãe) e Ana Raquel (filha) em um evento familiar.....	38
Figura 4 - Antonio Lincoln (pai) e Maria Laura (irmã).....	39
Figura 5 - Laudemir Caxilé (pai da Cleane), Victor Caxilé (irmão da Cleane), Cleane Silva (irmã), Lucas Santos (cunhado) e Ana Raquel (filha) no jogo do Fortaleza Esporte Clube, no Castelão, Fortaleza-CE.....	39
Figura 6 - Maria Eunice (avó paterna) e Ana Raquel (neta).....	40
Figura 7 - Antonio Iago, Igo Maia, Jair Luid, Kauan Emerson, Bruno de Paula, Ana Raquel e Ana Caroliny em um passeio ao rio na cidade de Acarape-CE.....	41
Figura 8 - Samuel Cunté e Ana Raquel.....	41
Figura 9 - Diana Duarte, Elizabete Essamai, Mariana (Marlene) Doroteia, Ana Raquel, Fernanda Damião e Clara Sambu na defesa de TCC da Ana Raquel.....	42
Figura 10 - Prof. <sup>a</sup> Natália Cabanillas, Prof. <sup>a</sup> Peti Mama, Ana Raquel, Prof. <sup>a</sup> Jacqueline Costa e Prof. <sup>a</sup> Marta Quintiliano depois da aprovação do TCC.....	42
Figura 11 - Chão de Conversa sobre “As Redes Afronarrativas de Afroafetos e Curas” com a Prof. <sup>a</sup> Marta Quintiliano na sala do CIEG/UNILAB.....	43
Figura 12 - Participante e banca na defesa de TCC da Ana Raquel.....	43
Figura 13 - Reunião com algumas/alguns membras/os do Centro Acadêmico do BHU (Gestão 2021/2022) na Unidade Acadêmica dos Palmares.....	44
Figura 14 - Projeto de Extensão Ateliê de Antropologia Viva (2023) em sua apresentação final	44
Figura 15 - Reunião do Projeto de Pesquisa “Gênero e Feminismo em África Global”, com Ana Raquel, Fátima Campune, Ericânia Almeida, Diana Duarte, Prof. <sup>a</sup> Natália Cabanillas, Rita Assaitu e Elizabete Essamai, na sala do CIEG/UNILAB, na Unidade Acadêmica dos Palmares.....	45
Figura 16 - Reunião do Projeto de Pesquisa “Gênero e Feminismo em África Global”, Prof. <sup>a</sup> Natália Cabanillas, Diana Duarte, Ericânia Almeida, Fátima Campune, Ana Raquel, Elizabete Essamai e Mariana (Marlene) Doroteia.....	45
Figura 17 - Isadora Alexandre e Ana Raquel na formatura de 2022.1 nos Campus das Auroras.	46
Figura 18 - Carreacor Pereira e Ana Raquel.....	46

## **LISTA DE SIGLAS**

BHU – Bacharelado em Humanidades

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IH – Instituto de Humanidades

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PSEI – Processo Seletivo de Estudantes Internacionais

SISU – Sistema de Seleção Unificada

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>13</b>
<b>3 DELIMITAÇÃO/PROBLEMATIZAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>4 HIPÓTESES.....</b>	<b>17</b>
<b>5 OBJETIVOS.....</b>	<b>17</b>
5.1 OBJETIVO GERAL:.....	17
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	17
<b>6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>18</b>
6.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE AFROAFETO E TRAJETÓRIAS.....	18
6.1.1 AFETO E AFROAFETO.....	18
6.1.2 TRAJETÓRIAS.....	20
6.2 AS TRAJETÓRIAS DAS MULHERES NEGRAS ESTUDANTES DA UNILAB/CE.....	23
6.3 POTENCIALIZAÇÃO DAS REDES DE AFROAFETO NAS TRAJETÓRIAS E NA PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA DAS MULHERES NEGRAS ESTUDANTES.....	27
<b>7 METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>36</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

As trajetórias e a criação das redes de afeto, por mulheres negras pertencente da comunidade acadêmica, estudantes da Graduação e da Pós-Graduação, são pontos a serem analisados e explorados dentro deste projeto de pesquisa, para entender as formas de permanências dentro da universidade pública e os desafios no cotidiano, no que diz respeito ao gênero, raça e nacionalidade. Visa ainda, analisar as trajetórias e o afroafeto das mulheres negras, internacionais<sup>1</sup> e nacionais pertencentes à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

Um dos pontos para destacar inicialmente, é a preferência do uso do pronome feminino na escrita, Grada Kilomba já nos alertava “que na língua portuguesa continuam ancorados a um discurso colonial e patriarcal, tornando-se extremamente problemáticos” (2019, p. 14). Tendo em vista o cunho político em torno do debate sobre gênero e raça justifica-se tal uso. Ademais, a pesquisa busca ter como “foco não deveria estar na construção de sujeitos, mas sim nas maneiras pelas quais é possível que os indivíduos ajam como sujeitos em suas realidades sociais” (KILOMBA, Grada. 2019, p. 74). Além disso, todo o trabalho ainda está em seu processo de criação, estudo e conclusão, buscando cumprir com todos os parâmetros de um projeto de pesquisa.

No dia 20 de julho de 2010, foi sancionada a Lei nº 12.289<sup>2</sup>, instituiu a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB como uma Universidade Pública Federal. E tem como objetivo a cooperação e integração com os países da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP), principalmente com os países africanos. Os países que integram a Unilab diretamente são Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Além disso, geograficamente, está instalado em dois Estados, na Bahia e Ceará, respectivamente nas cidades de São Francisco do Conde (BA), Redenção (CE) e Acarape (CE). Além da integralização com os PALOP, Timor-Leste e Portugal, também tem em seu plano de funcionamento a interiorização e a inclusão da população Quilombola, Indígena,

---

<sup>1</sup>A expressão “internacional”, utilizada para designar as/os estudantes estrangeiras/os vindos de países dos PALOPS e do Timor-Leste, esse termo surgiu dentro da Unilab, para romper com a ideia do termo “estrangeira/o” ou “gringa/o”, termos que muitas vezes são utilizados para nomear pessoas de pele branca e do continente europeu. Ademais, a expressão também faz ligação com o próprio nome da universidade, que têm “Internacional” e rompendo com a generalização e designação de apenas chamar essas/es estudantes de “Africanas/os”, muitas vezes utilizado no dia a dia unilabiano por estudantes nacionais (brasileiras/os) quando há um teor negativo e transformando tudo o que vem do continente Africano, principalmente as pessoas, como algo ruim, infelizmente ação fruto do racismo do cotidiano.

<sup>2</sup>A lei foi aprovada pelo Presidente eleito na época, Luiz Inácio Lula da Silva. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/lei/112289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112289.htm). Acesso em: 22 jan. 2023.

Cigana, entre outras comunidades de grande importância para os seus compromissos como uma universidade federal.

É preciso pontuarmos consideravelmente, principalmente nos espaços acadêmicos, sobre gênero, sobretudo quando há interseccionalidade, segundo Dayane N. Conceição de Assis (2019), mas conhecida como Nzinga Mbandi, pontua que um dos instrumentos teórico-metodológicos para compreender sobre as variáveis opressões é a interseccionalidade, também, o conceito não estabelece uma ordem e soma de dores/opressões e o lugar de fala de cada indivíduo é diferente a partir de suas realidades e vivências.

As mulheres negras estudantes da Unilab, talvez até docentes, percebem que apenas entrar ou passar em um vestibular não é apenas o suficiente, é preciso ter a garantia de políticas públicas de permanência e um currículo que atenda demandas de gênero, raça, classe, religiosidade e outros temas que possa contribuir para o reconhecimento de si, de experiências e de um reposicionamento de identidades.

Para a construção dessas identidades, é necessário conhecer essas narrativas e histórias, onde há traços de conexões e encruzilhadas nessas trajetórias. A escrita dessas histórias, ligam-se com o conceito de *Escrevivências* de Conceição Evaristo (2014), a escrita que se alimenta das experiências de vida de quem viveu. Ademais, o livro *Olhos d'Água* (2014), de Conceição Evaristo, narra histórias de “pessoas vivas, que contam fatos reais, refletem sobre problemas genuínos e mostram aquilo que é realmente essencial para quem deseja lutar por dignidade e felicidade para si e para os demais” (2018, p. 6).

Quando voltamos ao passado, damos ênfase ao símbolo africano *Sankofa*, que significa o retorno para adquirir conhecimento do passado, e também a sabedoria e a procura da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor.<sup>3</sup> Ou seja, voltar ao seu passado e torná-lo como forma de autoconhecimento e transformação da identidade como mulher negra, como retrata Alexsandra Alexandre (2022), após escrever sobre a sua trajetória, refletiu sobre as suas condições vividas e de outras mulheres no ensino superior e sobre as políticas de permanência, assim decidindo epistemologicamente produzir para outras, e para o seu Quilombo.

As redes de afroafetos são muito importantes para a permanência e a sociabilidade das estudantes dentro da universidade. Permanecer na Unilab é um grande desafio, sob vários aspectos, dentre eles o financeiro, saúde (físico, mental e espiritual) e o da excelência

---

<sup>3</sup>O Símbolo Adinkra, conjunto de ideogramas que tem o objetivo de representar alguma mensagem para aquela sociedade, surgiu com o povo “akan”, localizado no continente Africano, nos territórios de Gana e Costa do Marfim. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

acadêmica. A construção de laços e redes de afroafeto nas trajetórias das mulheres negras estudantes, podem contribuir na compreensão e no entendimento do cotidiano universitário.

Desse modo, o que esta pesquisa procura é analisar as trajetórias das mulheres negras estudantes da Graduação e Pós-Graduação da Unilab/CE, ademais analisar, especificamente, o conceito de trajetória e afroafeto, descrever as trajetórias delas e entender como é ser mulher negra estudante na Unilab e como as redes de afroafeto potencializam sua permanência dentro da universidade pública.

## 2 JUSTIFICATIVA

O interesse da pesquisa em torno da temática de gênero, raça e afetividade, foi sustentada inicialmente na disciplina optativa “Literatura e Feminismos Contra-Hegemônicos”, do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, ministrado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacqueline da Silva Costa, nesse período, houve participação como estagiária a Prof.<sup>a</sup> Ma. Marta Quintiliano, a partir dessa aproximação com textos, aulas, vivências em rodas de conversas, surgiu o debate sobre afroafetos e o desejo por pesquisar sobre o assunto surgiu após isso. A tese da Marta Quintiliano (2019), intitulada: “Redes afro-indígenaafetivas: uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas da pós-graduação stricto sensu e políticas de ações afirmativas na Universidade Federal de Goiás”, também influenciou na escolha do tema, além disso, Marta é a criadora do conceito *afroafeto*.

Seguindo esse contexto, na convivência dentro do Projeto de Pesquisa: Gêneros e Feminismos na África Global, a percepção sobre a escolha do tema de pesquisa fortificou quando foi sugerido a escrita de um texto autoetnográfico<sup>4</sup> e houve uma busca e reconhecimento da minha própria trajetória e da potencialidade do afroafeto no meu pertencimento como mulher parda, nascida e criada na periferia de Fortaleza – CE, bissexual e universitária.

Essa pesquisa de autoconhecimento facilitou entender o que afeta meu cotidiano, assim como, na academia, que desde a escola, no ensino fundamental e médio, de todas as trajetórias que conheci e estudei, a maior parte delas eram de homens, e das mulheres, eram todas brancas, e só após a minha chegada na Unilab comecei ter contato com a história de vida das mulheres negras, por isso, a importância da criação de currículos decoloniais com autoras/es negras/os que mostram a sua realidade e utilizam-na como uma forma de produção de conhecimento.

A escolha de fazer essa pesquisa na Unilab/CE, surgiu por ter vínculo físico, sentimental e por fim, institucional, as ligações afetivas e afroafetivas existentes dentro do cotidiano acadêmico é transcendental e atravessa meu espírito quando pensa na comunidade, as trocas de saberes nesse espaço físico é (em parte) suficiente para pensar como o campo de pesquisa, como explica Peti Mama que “só haverá verdadeiro respeito a partir do interesse mútuo pelo conhecimento acerca do mundo (físico, humano e espiritual) daquelas e daqueles que convivem e partilham o mesmo espaço-tempo” (2016, p. 62).

---

<sup>4</sup> De acordo com Susana Maia e Jeferson Batista, “a autoetnografia tem a autorreflexão como elemento básico no estudo de grupos sociais em que o pesquisador faz parte de seu próprio objeto e universo de pesquisa” (2020, p. 240).

Apesar dessa escolha geograficamente ser romantizada, ainda há aspectos sensíveis, que devido às circunstâncias – vividas – presenciadas no contexto fora dos campus da universidade, principalmente com as/os estudantes que precisam morar nas cidades do Maciço para estudar na Unilab, há uma grande ocorrência do racismo, a xenofobia, o machismo, principalmente nos espaços externos, como em supermercados, praça, festas, bares, rua nas cidades já mencionadas. Diante desses fenômenos me ocorre o seguinte questionamento: “onde está o respeito para que o afroafeto aconteça?”. É necessário pontuar essa questão, para a justificativa da pesquisa, pois um dos direcionamentos é o fato de procurar, estudar e conhecer a importância do Afroafeto nas trajetórias dessas mulheres e como elas lidam com essas experiências de racismo, xenofobia e misoginia em seus cotidianos?

No âmbito acadêmico, o projeto de pesquisa irá contribuir nos estudos sobre trajetórias e afroafeto das mulheres negras. Ademais, o trabalho pode oferecer um suporte teórico para futuras pesquisas com esta temática. E, de forma específica, se somará a outros estudos desenvolvidos na Unilab. Na esfera sociopolítica, esse trabalho contribuirá para o reconhecimento e empoderamento de trajetórias de mulheres negras.

### 3 DELIMITAÇÃO/PROBLEMATIZAÇÃO

O campus da Unilab está localizado em duas cidades do interior, no Ceará funciona em Redenção e Acarape e na Bahia, em São Francisco do Conde, esse fator foi fundamental para a realização dessa pesquisa, pois estrategicamente, a Unilab está nesses lugares com um projeto de rompimento do pensamento colonialista e como uma política estratégica de acordos e desenvolvimento, pois a própria cidade de Redenção – CE foi a primeira cidade no Brasil a libertar pessoas escravizadas, além disso, no projeto de constituição e nos currículos dos cursos de Humanidades, especificamente. E um dos objetivos central da Unilab é internacionalizar e integrar com países Africanos que têm como língua oficial o português, os PALOP, e Timor-Leste.

Então, nesse contexto a pesquisa busca ênfase a temática sobre gênero e raça, pois há uma proximidade com esses espaços, um lugar que majoritariamente é ocupado pela população negra<sup>5</sup>, principalmente quando se fala sobre afroafetividade, um conceito que junta África/Afro e o Afeto, que se une com a ideia de potencialidade nos espaços acadêmicos.

Por isso, essa pesquisa delimita-se buscando analisar as trajetórias e o afroafeto das mulheres negras – Angolanas, Brasileiras, Cabo-verdianas, Guineenses, Moçambicanas e São-Tomenses – pertencentes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab – Ceará), estudantes da Graduação e Pós-Graduação, do Instituto de Humanidades (IH) e o recorte será das estudantes que tenham ingressado nos anos de 2020 – 2023. Esse recorte deve-se do fato de que no ano de 2020 ingressei na Unilab, como estudante e tive muitas aproximações, também com os desafios no cotidiano acadêmico e no ano de 2023, período em que se dá o processo de escrita deste trabalho e pelo fato da relevância e importância de fazermos pesquisa entre iguais.

O debate sobre gênero e raça são cruciais para surgir possibilidades de compreensão para quem estuda e está na luta diária, principalmente para quem enfrenta os desafios do cotidiano e a realidade – que às vezes estruturalmente é violenta –, umas das formas de defesa e combate são as oportunidades de fala ofertadas às mulheres negras.

No contexto do Brasil, também um país da diáspora africana, ocorre a violência estrutural nos espaços acadêmicos, em 2019 foi realizada uma pesquisa em que 22% eram de mulheres negras ingressantes e 21% eram de concluintes, notou-se que mesmo as mulheres

---

<sup>5</sup>De acordo com os últimos dados no painel de transparência da Unilab (2022), aproximadamente mais de 85% das/dos estudantes matriculadas/os na Graduação, são negras/os e pardas/os. E na Pós-Graduação, este número chega a aproximadamente mais de 74%. Disponível em: <https://encr.pw/qix1i>. Acesso em: 20 abr. 2023.

sendo a maioria no ensino superior, as mulheres negras em comparação têm mais impasses em concluir a formação, com uma diferença de 6%.<sup>6</sup>

Por isso, referenciar como são as histórias cotidianas dessas mulheres é o primeiro passo nesse trabalho. Por conseguinte, cabe questionar: Como são as trajetórias das mulheres negras que estudam na Unilab? O que levou a escolher estudar nessa Universidade? Ao chegar na Unilab, foram acolhidas por alguma rede de afeto? Como as redes de afroafeto contribuem para permanência perante a todos os desafios? E pensando nas trajetórias dessas mulheres específicas, quais formas de afroafeto contribuem com o pertencimento como uma mulher, negra e universitária?

É no sentido destes questionamentos que este trabalho se moldará, procurando ressaltar as várias formas de fortalecimento, de resistência e existência dentro da Unilab, e, percebendo as encruzilhadas nas trajetórias analisadas.

---

<sup>6</sup>Pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1dE6pvlgZGaMQdgUsim3YtCihS6GklOst/view>. Acesso em: 16 jan. 2023.

## **4 HIPÓTESES**

**H<sup>1</sup>** As trajetórias das mulheres negras estudantes da Unilab, são carregadas com marcas da violência, ou seja, o racismo, machismo, o epistemicídio<sup>7</sup>, desafios e aspectos positivos.

**H<sup>2</sup>** O afroafeto é uma forma de potencialização no pertencimento dentro da Universidade Pública.

## **5 OBJETIVOS**

### **5.1 Objetivo geral:**

- Analisar as trajetórias e o afroafeto das mulheres negras estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, entre os anos de 2020-2023.

### **5.2 Objetivos específicos:**

- Analisar o conceito de trajetória e afroafeto;
- Descrever e analisar as trajetórias das mulheres negras estudantes da Unilab;
- Entender como é ser mulher negra, diaspórica, estudante na Unilab e como as redes de afroafeto potencializam sua permanência dentro da Universidade Pública.

---

<sup>7</sup> De acordo com Sueli Carneiro (2005) em sua tese de Pós-Graduação, analisa o conceito de epistemicídio do pensamento de Boaventura Sousa Santos (1997), por isso a autora disserta que a desvalorização, ou a negação ou ocultação da colaboração do continente Africano ao patrimônio cultural da humanidade, pela indução ou elevação do embranquecimento cultural etc.

## 6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este projeto de pesquisa visa estudar sobre a trajetória e o afroafeto das mulheres negras estudantes da Unilab/CE, por isso buscou como abordagem bibliográfica autoras/es com temas de gênero, raça, trajetória e afroafeto. A fundamentação teórica está dividida em três pontos, cujo primeiro ponto está dividido em duas partes com uma breve contextualização dos conceitos, a primeira parte buscou contextualizar o conceito Afroafeto e a segunda parte com a contextualização de Trajetória. Em seguida, o segundo ponto buscará discutir gênero, raça e a universidade, para buscar as formas de descrição das trajetórias das mulheres negras estudantes da Unilab/CE. E por último, o terceiro ponto abordará sobre a potencialização das redes de afroafeto nas trajetórias e na permanência universitária das mulheres negras estudantes.

### 6.1 Breve contextualização de Afroafeto e Trajetórias

#### 6.1.1 Afeto e Afroafeto

Falar sobre afetividade é um pouco complexo, pois, a maioria das vezes em um contexto, o carinho e afeto são comparados com o amor romântico, mas o significado está além disso, todas ações afetuosas estão presente no nosso grupo familiar, amigos, escola, universidade, entre outros espaços, e não apenas estando na nossa companheira/companheiro, mas cometemos um erro ao associar todo ato de compaixão e solidariedade apenas com quem nos casamos ou namoramos. Ademais, é importante introduzir e problematizar a falta do diálogo sobre o assunto, *bell hooks* declara,

é especialmente difícil falar de amor quando o que temos a dizer chama a atenção para o fato de que sua falta é mais comum que sua presença, para o fato de que muitos de nós não temos certeza do que estamos dizendo quando falamos de amor ou de como expressá-lo. Todo mundo quer saber mais sobre o amor. Queremos saber o que significa amar, o que podemos fazer em nosso dia a dia para amarmos e sermos amados. Queremos saber como seduzir aqueles que continuam fiéis à falta de amor e abrir as portas de seu coração para que deixem o amor entrar (*hooks*, 2021, p. 36).

Por isso que antes de fazer – uma tentativa de – conceitualização, é importante estarmos ciente que o Amor (e todas as suas linguagens) está ligado a ação, a *bell hooks* (2021) escreve que seria mais fácil aprender como amar se no início já conceituarmos a definição de amor de uma forma partilhada. E completa: “a palavra ‘amor’ é um substantivo,

mas a maioria dos mais perspicazes teóricos dedicados ao tema reconhece que todos amaríamos melhor se pensássemos o amor como uma ação” (*hooks*, 2021, p. 41). Ou seja, o amar estar no fazer, no tocar e no experimentar, na partilha com outras/os. Além da romantização do termo, é com as situações do cotidiano que se houver amor, reconhecemos os erros e aprendemos com os erros, como ato de perdoar e ouvir.

Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes — carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta. Aprender definições falhas de amor quando somos bem jovens torna difícil sermos amorosos quando amadurecemos. Começamos comprometidos com o caminho certo, mas seguimos na direção errada. A maioria de nós aprende desde cedo a pensar no amor como um sentimento. Quando nos sentimos profundamente atraídos por alguém, dedicamos energia mental e emocional à pessoa, isto é, a investimos de sentimentos e emoções. [...] Quando entendemos o amor como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa, fica claro que não podemos dizer que amamos se somos nocivos ou abusivos. Amor e abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado (*hooks*, 2021, p. 42).

A afetividade está totalmente conectada com a soma de ações positivas, sendo elas o carinho, solidariedade, respeito etc. (Até mesmo um simples gesto de abraço). E por isso, o Afroafeto está interligado a isso, esse conceito foi interpretado por Marta Quintiliano no processo de escrita e pesquisa de sua tese de Mestrado e ela o notou quando veio a primeira vez na Unilab/CE,

em janeiro de 2018, já no Mestrado do PPGAS, recebi mensagem por um aplicativo de uma amiga sobre o link do evento que aconteceria na Universidade de Integração Luso Afro-Brasileira (UNILAB) na cidade de Redenção - Ceará. [...] Em oposição e para além dos limites institucionais, na Unilab quaisquer lugares em que eu caminhava eram possíveis ver muitos negros de outros países, brasileiros, quilombolas, indígenas. No ônibus universitário, no restaurante, no banco, no bar, onde [aonde] quer que eu fosse lá estavam os integrantes do Brasil que são invisibilizados e objetificados. [...] Após os dias de reflexão e amadurecimento vivenciados na Unilab, a palavra afroafetos começou a povoar minha mente e os meus textos imagéticos (QUINTILIANO, 2019, p. 31-33).

O que está em questão no conceito de Afroafeto é a conexão do continente africano e seus saberes ancestrais e suas comunidades com o conceito de Afeto em si, pois quando se pensa nas/nos “minhas/meus” com carinho e pensando no bem naquela/e, vou contribuir com o bem-estar daquele grupo, ou seja, a comunidade. Como a filosofia *Ubuntu*<sup>8</sup>: eu sou porque nós somos. Dessa forma Marta Quintiliano afirma,

---

<sup>8</sup>“Este fundamento tradicional africano articula um respeito básico pelos outros. [...] pode ser interpretado tanto como uma regra de conduta ou ética social. [...] descreve tanto o ser humano como “ser-com-os-outros” e prescreve que “ser-com-os-outros” deve ser tudo” (PORTAL GELEDÉS, 2016). Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

o afroafeto é a aceitação e disposição à solidariedade emotiva, uma aproximação pelo amadurecimento político e o reconhecimento que as variadas e históricas formas de opressão foram enfrentadas historicamente por uma rede de resistência que se fortalecia e se fortalece, sobretudo pelo afeto, acolhimento, cuidado e respeito. Trata-se do vínculo identitário que abraça a ancestralidade, a fraternidade e a empatia entre negras, indígenas e quilombolas (QUINTILIANO, 2019, p. 86).

O termo traz essa ancestralidade em sua própria etimologia, trazendo consigo o continente Africano e suas influências na diáspora e carregar consigo, além de um próprio significado um poder de resistência, também sendo usado e vivido nos espaços acadêmicos, conforme Marta Quintiliano (2019),

se no passado reprimimos os nossos sentimentos como estratégias de sobrevivências, na atualidade o amor é um dispositivo poderoso para a sobrevivência da população negra e negra quilombola e o afroafeto que nos [conduzirá] a (r) existência nos espaços que antes era reservado para elite branca. [...] O afroafeto tornou-se para os coletivos de estudantes negros a maior ferramenta para a revolução no espaço acadêmico e para além dos “muros” epistêmicos, uma vez que a população indígenas, negra e negra quilombolas mantêm seus laços com a comunidade de origem (QUINTILIANO, 2019, p. 94).

Diante disso, o Afroafeto tem uma ligação com o próprio conceito de Afeto, que é entrelaçado com os sentimentos – amor, carinho, compaixão, entre outros – é preciso compreender primeiro nossos sentimentos, para assim estar disposta a compartilhar e retribuir, como assegura *bell hooks* (2010, p.9) que “a partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas”. É nesse sentido que percebemos a afroafetividade nas encruzilhadas de troca e em nossas trajetórias.

### **6.1.2 Trajetórias**

Aos nascermos já somos introduzidas/os em um grupo familiar, ou de parentesco ou comunidade, ou seja, somos sujeitas/os, mesmo que indiretamente, à práticas culturais, biológicas, sociais e políticas e todos esses costumes são armazenados dentro do nosso consciente, assim surge nossas experiências desde criança, até mesmo surgindo as formas diferente de oralidade, Angela Dannemann junto com outras/os autoras/es em uma coletânea, escreveu um texto intitulado “Vivências da absorção e da expressão” (2020), essa contextualização de obra é importante para entendermos o conceito de trajetória. Para concretizar o que foi dito inicialmente, Angela (2020) escreve que todo ser vivo, desde sua criação, primeiramente absorve e após disso expressa, acumula e depois expande. Pois ao

nascer a expressão surge no primeiro choro que indica a vida, assim começando a respirar, absorvendo o ar que irá contribuir com o seu crescimento, então, até antes mesmo de nascer, todas/os começam a reunir experiências e vivências.

É nesse processo de acumulação de experiências vividas no início da nossa vida que temos contato com os sentimentos, sensações etc. Sendo elas positivas ou negativas<sup>9</sup>, é daí que iremos ter contato com o Afeto, também, infelizmente, a violência<sup>10</sup> e a dor, e isso tudo irá influenciar no nosso cognitivo, um exemplo supositório é uma criança nascer em grupo familiar sem uma alimentação adequada e com quadros de violência dentro daquele contexto, futuramente<sup>11</sup> ou até mesmo em breve, aquela criança ficará com um psicológico abalado, e podendo até ter problemas com sua saúde física. Para concretizar o que foi exposto, Nathaly Cristina estabelece os impactos psicológicos do racismo na infância,

a [autoimagem] da criança negra é construída nas interações que estabelece com os membros da família, com o grupo escolar, os [vizinhos] e outros grupos sociais. Essas interações são mediadas por padrões, por crença, práticas e normas de toda sociedade que determinará a forma como a criança elabora e organiza suas referências no mundo e isso, se repercutirá na formação de sua identidade. É nas interações que a criança internaliza os estereótipos negativos ligados ao negro, construídos no imaginário social, sendo disseminado pelos veículos de comunicações e reproduzidos pela escola. A forma como a criança negra é tratada, as atribuições negativas que geralmente são impostas em sua mente, fazem com que a criança crie uma imagem depreciativa de si, contribuindo para uma [autoexclusão] e uma baixa autoestima. Comprometendo desta forma, o processo de construção de sua identidade, com [ideias] que desvalorizam suas características étnicas (FERNANDES, 2018, p. 6).

Seguindo esse raciocínio, Trajetória é todo esse acúmulo de vivências e experiências durante toda a nossa vida, onde nossa memória se faz moradia em nossos pensamentos, é nisso que reconhecemos quais os papéis sociais da família, amigos, escola, trabalho etc. Até mesmo dos nossos ancestrais, pois todo aprendizado foi passado em geração em geração, até chegarmos aonde estamos atualmente, por isso Angela Dannemann sustenta que,

---

<sup>9</sup>Ver: Prevenção de Violência contra crianças. Disponível em: [https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2023/03/NCPI\\_WP10\\_Prevencao-de-violencia-contra-criancas.pdf](https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2023/03/NCPI_WP10_Prevencao-de-violencia-contra-criancas.pdf). Acesso em: 17 abr. 2023.

<sup>10</sup> De acordo com os dados da Pesquisa Nacional de Saúde – PNS do IBGE (2019): “18,3% das pessoas com 18 anos ou mais de idade haviam sofrido violência física, psicológica ou sexual nos 12 meses anteriores à pesquisa. As pessoas pretas foram as mais atingidas, com 20,6%, seguidas das pardas, 19,3%. [...] As mulheres foram mais vítimas de violência (19,4%) do que os homens (17,0%), principalmente as mulheres pretas, grupo de cor ou raça e sexo com maior proporção de vítimas (21,3%)”. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf). Acesso em: 17 abr. 2023.

<sup>11</sup> Ver: How Racism Can Affect Child Development [Tradução: Como o racismo afeta o desenvolvimento infantil]. Disponível em: [https://developingchild.harvard.edu/resources/racism-and-ecd/?utm\\_source=newsletter&utm\\_campaign=november\\_2020](https://developingchild.harvard.edu/resources/racism-and-ecd/?utm_source=newsletter&utm_campaign=november_2020). Acesso em: 17 abr. 2023.

somos indivíduos, mas nos desenvolvemos dentro de um grupo de pessoas e de um ambiente, ou seja, somos produto de um conjunto, um coletivo de pessoas que nos geram e nos cercam e das camadas que absorvemos e processamos. Toda a nossa expressão está carregada da família e da cultura em que crescemos, modificada por nossas reflexões, dando, portanto, sequência a uma cultura ancestral, dos nossos pais, da nossa família e de todas as influências que sofremos ao longo do nosso crescimento e que nos marcam, nos afetam – daqueles que vieram antes de nós (DANNEMANN, 2020, p. 237).

Com isso, percebemos o papel importante da memória, para assim lembrarmos de tudo o que já foi aprendido e acumulado dentro de nosso ser. Assim, o papel da escrita entra nesse contexto para recuperar o vivido, por isso Conceição Evaristo (2014)<sup>12</sup> precisa ser lembrada e referenciada como uma das escritoras que concretiza o conceito de Trajetória em seus livros e obras.

Interligar a escrita e a história de vida pessoais é importante, pois o que está em jogo além da oralidade é o fato de marcar o que foi vivido, e além do escrever, é ter o poder de escrever sobre nossas próprias histórias e trajetórias, Grada (2021) afirma que escrever é um ato político, um ato de descolonização, onde quem escreve se opõe a lugares que a colonização proporcionou, assim tornando-se a/o escritora/escritor validada/o e legitimada/o, então reinventando a si mesma/o, nomeando a realidade que foi posta de forma errada ou até mesmo que não foi nomeada.

Pensar em conceito de Trajetória, é também pensar e questionar como são as trajetórias das mulheres negras estudantes em questão, principalmente quem demarcar permanência nas universidades públicas, é por isso que escrever academicamente sobre essas trajetórias é o que se faz relevante, Monaliza de Alcântara e Paulo Roberto (2020) apontam que escrever sobre as experiências e trajetórias das mulheres negras na universidade pública é sugerir uma pensamento sobre as dificuldades que surgem e encontram nesses espaços da academia, que estão relacionadas a debates qualitativos e até mesmo estruturais presentes hegemonicamente na universidade.

E completam mais adiante,

dessa forma, pensar na trajetória das estudantes negras nas universidades públicas [...] é lembrar, também, daquelas que vieram antes e abriram caminho sendo

---

<sup>12</sup>“Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. Essa informação deve ter sido dada por minha mãe, Joana Josefina Evaristo, na hora de me registrar, por isso acredito ser verdadeira. Mãe, hoje com os seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir. Deduzo ainda que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda, filho da senhora tal, que seria ela. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra.” (EVARISTO, Conceição, 2009). Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 30 jan. 2023.

pioneiras e protagonistas, e, para além disso, é questionar o porquê delas não aparecem nos livros de história. A invisibilização da mulher negra na sociedade é histórica, estando presente também na academia, sendo uma forma de comunicar que aquele espaço não as pertence. [...] As mulheres negras querem e devem ocupar o lugar da academia para produzirem pesquisas, em que possam contar suas próprias histórias, a partir da sua ótica e das suas produções epistemológicas (ALCÂNTARA; JÚNIOR, 2020, p. 132).

Diante disso, já conceituado os termos Afroafeto e Trajetória, cujo se faz necessário para então destrinchar os pontos específicos sobre as trajetórias das mulheres negras estudantes da Unilab/CE e a potencialização das redes de afroafeto dentro das trajetórias e na permanência universitária.

## **6.2 As trajetórias das mulheres negras estudantes da Unilab/CE**

Categorizar o gênero no ocidente é uma ação, de uma maneira geral, fácil, porque no contexto ocidental, especificamente o Brasil, já está inserido em uma cultura que o poder está direcionado para a categoria homem – cis, branco e hétero –, é importante contextualizar inicialmente essa questão das categorias de gêneros, para assim compreender o que está por detrás do que é ser mulher e homem, e entender qual o papel das hierarquias em questão. Oyèrónké Oyěwùmí, intelectual nigeriana e socióloga, afirma,

diferenças e hierarquias, portanto, estão consagradas nos corpos; e os corpos consagram as diferenças e a hierarquia. Assim, dualismos como natureza/cultura, público/privado e visível/invisível são variações sobre o tema dos corpos masculinos/femininos hierarquicamente ordenados, diferencialmente colocados em relação ao poder, e espacialmente distanciados um do outro (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 35).

Ou seja, esse distanciamento citado pela autora é vivido e presenciado no cotidiano de todas as categorias de gênero. Antes de generalizarmos tal conceito de gênero, destaca-se o fato de que essa realidade de categorização e dualismo de gênero é vivido no Ocidente, por isso falar, discutir e estudar sobre as Mulheres em questão, é necessário perceber quem são essas mulheres. Oyèrónké (2021) questiona quem se designa como mulher, como devem ser identificadas, ou seja, “que mulheres?”, quem estuda e pesquisa sobre a construção das categorias deve ter como ideia as diferentes realidades, culturas e contextos.

Ademais, o que está ligado junto com a hierarquias das categorias de gênero, são as desigualdades, então por isso que a frase ‘ser mulher’ só tem certo poder político e social, porque por detrás dessa frase existe contextos nas realidades ou nichos, como por exemplo: trabalho, família, relações afetivas, escolas, universidades, entre outros.

Se está ligado com a cultura, ou melhor dizendo, na sociedade, então aquilo foi construído, pois nada surgiu do nada e para acontecer tais hierarquizações de gênero é porque foi algo trabalhado, ou seja, construído.

No campo das ciências humanas e sociais o conceito de gênero se refere à construção social, sendo dessa forma, determinado pelo contexto social, cultural, político e econômico. Enquanto sexo é determinado pela natureza, pela biologia, o gênero é construído historicamente sendo, portanto, variável e mutável do sexo, ou seja, a partir das diferenças percebidas entre os sexos. Lembrando que este conceito (gênero) pautaria a percepção das diferenças entre os sexos, sendo conceito significativo a demarcar relações de poder. Portanto, para entender a “desigualdade” de gênero em diáspora, é necessariamente compreender como são constituídas as relações de homens e mulheres na distribuição do trabalho e poder (GOMES, 2016, p. 22).

Peti Mama aborda sobre o tema em questão em seu trabalho e estudo sobre “Ser Mulher Africana e Estudante no Contexto de Diáspora”, é necessária essa contextualização, pois Peti realiza seu trabalho com estudantes Guineenses do Maciço de Baturité, cujo a Unilab está inserida. Seguindo esse raciocínio, urge questionar como é ser mulher, ou melhor, como é ser mulher negra estudante em uma universidade pública.

A pauta sobre gênero e raça interseccionam, ou melhor, há uma Intraseccionalidade<sup>13</sup>, ou seja, não uma soma nas lutas cotidianas e sim uma construção mútua e coletiva. Para Grada Kilomba (2019, p. 94), “raça e gênero são inseparáveis. Raça não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da raça”. É por isso que não há uma soma de dores ou lutas, e a autora também confirma que “formas de opressão não operam em singularidade; elas se entrecruzam” (p.98). Segundo Ana Cássia, Mestranda Interdisciplinar em Humanidades, da Unilab,

tanto o sexismo, o patriarcado, a misoginia e o racismo são emaranhados que estão enraizados nas nossas culturas, nas nossas estruturas, seja no Brasil ou nos países dos PALOP, eles são um problema mundial, que está diretamente ligado à cultura do capitalismo, ou seja, podem ser vítimas desse dispositivo tanto mulheres ou homens, crianças ou adultos, mas quando analisadas tais questões com o viés interseccional, sabemos que mulheres negras são a base da pirâmide (CUNHA, 2021, p. 22).

Para Sueli Carneiro (2003, p. 118), é necessário “Enegrecer” o feminismo, ou seja, “enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória

---

<sup>13</sup> De acordo com Raquel Lima, Intraseccionalidade é “quando ocorre a observação interna por meios das ações e práticas de um grupo social específico sob a sua respectiva categoria de opressão. Se reconhecer os movimentos negros como uma luta coletiva, como um corpo com diferentes órgãos, as suas ações e agendas também se construíram mutuamente. E a ferramenta que permite ler essas relações internas e analisar pautas que são negligenciadas ou sobrevalorizadas, a fim de sustentar a saúde e fluidez desse corpo” (LIMA, Raquel, 2022). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vfpAHWMYLjw>. Acesso em: 02 jan. 2023.

das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro”, cujo objetivo é reconhecer uma sociedade que multirracial e pluricultural.

Por isso, pensando em uma das agendas desse movimento de gênero e raça, a permanência em universidades surge como um ponto importante para análise, especificamente a Unilab em questão. Na Universidade referida, de acordo com os últimos dados<sup>14</sup> da entrada de 2022.2, aproximadamente 85% das/dos estudantes são negras/os e pardas/os e aproximadamente 51% deste número é de mulheres, ou seja, é um número bastante relevante e elevado para a ocupação em questão.

Melhor dizendo, esses números visam mostrar a importância e a relevância da agenda da Unilab e o seu papel, além da formação. Aleksandra Alexandre (2022), analisou as trajetórias das mulheres quilombolas estudantes da Unilab/CE e percebeu o que esses espaços acadêmicos é carregado de desafios, principalmente para quem já está na margem, por isso escreve,

sempre que acessamos os espaços de conhecimento [reconhecidos] pela sociedade como espaço de pessoas brancas e de classe média, sentimos que precisamos enfrentar esse padrão, essa estrutura de sociedade racista e colonizada. Ao formarmos grupos com nossos pares não estamos sós. Toda a nossa ancestralidade e nossa tradição quilombola, vai junto. Precisamos refletir nossa [organização] dentro desse [espaço] ao representarmos uma comunidade tradicional, indígena ou quilombola e todos os povos vistos como minorias (ALEXANDRE, 2022, p. 23).

As trajetórias em geral estão ligadas a tudo o que está em torno da vida, ou melhor, infância, escola, ensino médio, trabalho, família, relacionamentos, experiências do cotidiano etc. Mas, o que esse trabalho busca descrever e analisar, especificamente, é o que mais marcou na memória durante esse percurso até chegar na Universidade.

Além do mais, Maria Auxiliadora e Wivian Weller (2014), escrevem em seu artigo sobre trajetórias de vida de jovens negras universitárias, que na sociedade brasileira, marcada por períodos de escravização, resultando na desigualdade até atualmente, mostra que durante a história do país, mulheres e homens negras/os não foram contempladas/os quando se falam dos direitos ao acesso à educação.

Além disso, surge a necessidade para além do acesso à educação da população negra, a implementação de ações afirmativas<sup>15</sup>, ou seja, políticas públicas, que de acordo com Monaliza de Alcântara e Paulo Roberto (2020), houve um aumento na ocupação no ensino superior das mulheres negras, porém esse aumento ocorreu devido a inclusão das políticas

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://11nq.com/qix1i>. Acesso em: 20 abr. 2023.

<sup>15</sup> Ver Lei 12.711/2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm). Acesso em: 30 abr. 2023.

públicas, também contribui com a democratização do ensino. Jacqueline Costa em sua tese de Mestrado, analisou as narrativas das/dos estudantes e professores e percebeu que “a estrutura da universidade somada a um conjunto de políticas de permanência faz a diferença para o sucesso dos (as) estudantes, cotistas e não-cotistas” (2015, p. 167).

Por isso, pensar nas políticas públicas, também é questionar sobre as formas de acesso a Universidade no Brasil são diversas, mas especificamente na Unilab<sup>16</sup>, que são por meio do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), assim como SiSU (Sistema de Seleção Unificada), também como editais específicos oferecidos pela própria instituição, para estudantes que estejam fora do Brasil, especificamente nos PALOP, é através de uma avaliação específica do histórico escolar e uma prova.

Então, a descrição e a análise está também interligada com a relevância dessas narrativas serem escritas e marcadas, pois se esses espaços estão sendo ocupados hoje, pois houve uma violência e repreensão para homens e mulheres negras/os. E ainda ressaltar o que Angela Davis (2017) já afirmava na Conferência do Julho das Pretas, na Universidade Federal da Bahia: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras”

Desde a criação da Unilab, em 2010<sup>17</sup>, com as entradas e egressos dessas mulheres em questão, nota-se que desde o acesso à universidade, há um ponto significativo de análise que é desde a escolha, o processo de prova – ENEM e PSEI – ou editais específicos, e após isso o processo de adaptação com a mudança de continente, país, estado, cidade ou bairro, essas mudanças são bastantes significativas e marcantes nas trajetórias, principalmente academicamente.

Especificamente no IH e no estado do Ceará, na maioria da vezes iniciando no primeiro ciclo com o curso do BHU, entram em contato com um novo currículo, e, também com um projeto pedagógico<sup>18</sup> diferente da maioria das universidades brasileiras, tendo como objetivo formar pessoas capacitadas e com habilidades teórico-metodológicas para perceber situações sociais, artísticas, políticas e filosóficas, sendo elas inseridas nos contextos

---

<sup>16</sup> Disponível em: [https://unilab.edu.br/processo-seletivo/#:~:text=A%20Unilab%20realiza%20processos%20seletivos,\)%2C%20do%20Minist%C3%A9rio%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o](https://unilab.edu.br/processo-seletivo/#:~:text=A%20Unilab%20realiza%20processos%20seletivos,)%2C%20do%20Minist%C3%A9rio%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 30 abr. 2023.

<sup>17</sup> Ver sobre: <https://unilab.edu.br/2022/07/19/amanha-dia-20-de-julho-de-2022-celebraremos-os-12-anos-da-lei-de-criacao-da-unilab/>. Acesso em: 03 mai. 2023.

<sup>18</sup> Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU) atualizado. Disponível em: [https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2023/02/PPC\\_BHU\\_\\_\\_Revisao\\_2023.pdf](https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2023/02/PPC_BHU___Revisao_2023.pdf). Acesso em: 03 mai. 2023.

brasileiros, africanos lusófonos, indígenas, quilombolas e dos povos tradicionais, também tendo um olhar interdisciplinar sobre as problemáticas e fenômenos sociais (UNILAB, 2023). Após o primeiro ciclo, as estudantes têm a oportunidade de optar por estudar nos cursos da Terminalidade, ou seja, o segundo ciclo ou seguir em fazer mestrado, ou outras escolhas da vida.

Diante disso, as trajetórias das universitárias estão interligadas as trocas com outras/os, pois no cotidiano é comum as trocas de comunicação, afeto, até mesmo, intrigas, desafios etc. Ademais, essas histórias têm suas particularidades, contextos e realidades diferentes. Também, o que se percebe nos caminhos da vida é se tornar mãe (CUNHA, 2021), ser de uma comunidade tradicional (ALEXANDRE, 2023), ser internacional africana (GOMES, 2019). Mas, especificamente, o que também é necessário perceber é que todos os acontecimentos do cotidiano, urge um olhar sobre o Afroafeto nesse contexto acadêmico como agência e forma de pertencer, pois como escreve Ana Raquel: “as redes de afeto têm sido centrais na permanência dentro da universidade pública” (p. 93, 2022).

### **6.3 Potencialização das redes de afroafeto nas trajetórias e na permanência universitária das mulheres negras estudantes**

Entende-se como afroafeto uma ação que interliga o afeto a essa própria Africanidade, então além do conceito ousa-se pensar nele como um agente condutor de permanência dentro da Universidade, Marta Quintiliano trabalha nesse conceito pensando nas/os estudantes da UFG (Universidade Federal de Goiás), então surge um desenvolvimento de solidariedade entre um grupo específico cultural, como indígenas e quilombolas e percebendo o poder de que é estar juntas/os em um espaço acadêmico, para enfrentar os desafios que existentes (QUINTILIANO, 2019).

Então, o papel das redes de afroafeto está além de ser apenas um abraço ou uma festa no final de semana depois de uma semana de trabalho, de acordo com Marta (2019), os próprios coletivos negros – que podem ser lidos como um grupo afroafetivo – tem um papel importante dentro da instituição acadêmica, sendo ela propriamente academicamente e psicologicamente. Pois, inicialmente e por muitos anos esses espaços foram ocupados por pessoas brancas, classe média e alta, além disso, um ambiente que estimula ações e sentimentos de individualismo e o próprio egocentrismo. As redes afroafetivas estão ligadas a comunidade, *bell hooks* (2021) afirma que para assegurar a sobrevivência do ser no mundo,

mulheres e homens se organizam em comunidades, pois elas alimentam a vida, porque não existe lugar para aprender sobre amor, que não seja na comunidade.

No que diz respeito à comunidade em si, Sobonfu Somé (2007) escreve que o objetivo da comunidade é assegurar que cada membra/o seja escutada/o e consiga ajudar, sem essa contribuição, a comunidade morre, ademais, quando não há esse exercício de escuta e quando não há pessoas que possam lhe ajudar, isso enfraquece-nos, assim tornando-nos pessoas vulneráveis.

Todas essas trocas de afroafetividade estão entrelaçadas no simples ato de conversar, ou seja: “conversar é uma forma de criar comunidade” (*hooks*, bell, 2021, p. 139). Falar das trocas de linguagem e comunicação de modo geral torna-se um ato problemático, pois nem todas as trocas de comunicação existe o afroafeto, mas o debate em questão está no ato da escuta e a fala acolhedora, ainda, quando escolhemos nossas/os amigas/os, buscamos nelas/es receber respeito, carinho, conhecimento, que não encontramos no ambiente familiar (*hooks*, 2021).

Para além do contexto familiar, a escuta e o acolhimento entre amigas/os, principalmente em contexto acadêmico é essencial, principalmente quando há trocas com pessoas que entendem e compreendem nossa identidade, realidade e contexto social, que sabem da trajetória pessoal e dos desafios que é permanecer dentro da academia.

A afroafetividade aparece nos simples atos de amor nas relações e grupos sociais, as “amizades amorosas nos dão espaço para experimentarmos a alegria da comunidade num relacionamento em que aprendemos a processar todos os nossos problemas, a lidar com diferenças e conflitos enquanto nos mantemos vinculados” (*hooks*, 2021, p. 139). Ou seja, o viver em comunidade, principalmente em harmonia, mostra uma das formas de resistência.

Por isso, o amor deve ser uma ação presente no cotidiano acadêmico, até mesmo dentro das produções acadêmicas, nos restaurantes universitários, intercâmpis, bibliotecas, salas de aula etc., pois é o amor que determina uma base para a criação de uma comunidade com estranhas/os. Com o amor criado na comunidade mantém-se no corpo individual para onde quer que vá, assim, em qualquer lugar é possível pensar no amor (*hooks*, 2021).

Quando a autora escreve que é possível carregar o amor que aprendemos em comunidade, ou melhor, o afroafeto instaurado no corpo e na mente, é possível levá-lo para qualquer lugar, ou seja, na trajetória pessoal, principalmente dentro da academia, potencializando sua permanência, como também escreve Sobonfu Somé que é tão importante ter um círculo de amigas/os, onde há confiança, que possa dar a sensação de pertencer a uma comunidade (2007, p. 122).

O afroafeto surge como um dos meios de existência e resistência dentro da Universidade, pois, se há desafios, violências, a falta de políticas públicas e educacionais, um governo que não invista na educação para o povo negro, periférico, pobre etc. Então, ele aparece como um meio de enfrentamento e dentro da luta e pautas de gênero, também une com o próprio tema da afetividade feminina negra, a união de mulheres, a partir disso, *bell hooks* aponta que quando houver a aceitação que o verdadeiro amor está ligado ao reconhecimento e aceitação, junto com o cuidado, responsabilidade, comprometimento e conhecimento, além disso, a justiça, depois disso virá o entendimento de que o amor tem o poder da transformação, e escolher as políticas feministas é escolher amar (*hooks*, 2018, p. 111).

A construção de laços e redes de afroafeto nas trajetórias das mulheres negras estudantes, especificamente da Unilab/CE, contribuem no pertencer ao cotidiano universitário, para Grada Kilomba “em um ambiente como tal, trocar saudações torna-se um momento curto [...], no qual se constrói um cenário para superar a perda e isolamento racial e, ao mesmo tempo, de desenvolver um sentimento de pertencimento” (2019, p. 211). Com isso, é necessário um olhar intrínseco e dar a importância sobre os atos de afroafeto no cotidiano.

## **7 METODOLOGIA**

A pesquisa será realizada com mulheres negras estudantes de diversas nacionalidades, Angolanas, Brasileiras, Cabo-verdianas, Guineenses, Moçambicanas e São-Tomenses, estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, localizada no Estado do Ceará, nas cidades de Redenção e Acarape, tendo dois campus, Auroras e Liberdade e uma unidade acadêmica, Palmares. A austeridade de escolha para as entrevistadas será de forma aleatória, tendo como delimitação os critérios: ser aluna da Graduação ou Pós-Graduação do Instituto de Humanidades (IH) e serem das entradas dos anos de 2020 – 2023.

Neste trabalho visa-se utilizar como método de abordagem a pesquisa qualitativa, de acordo com John Creswell (2010), a pesquisa qualitativa é um meio de exploração e de entendimento dos significados que as/os indivíduos/os ou os grupos impõem a um problema social ou humano. De fato, esse método busca compreender as trajetórias e os afroafetos das entrevistadas em questão, a escolha por uma pesquisa qualitativa é ideal para cumprir com os objetivos previstos.

Ademais, o tipo de pesquisa selecionado foi a pesquisa narrativa, para John Creswell (2010), a pesquisa narrativa estuda a vida das/os entrevistadas/os, contando as suas histórias, também relacionado com a história da/do pesquisador/a. Assim como Grada Kilomba (2019) buscou em seu estudo, no livro *Memórias da Plantação*, transformar aquele espaço empírico e teórico, um lugar de reconhecimento das mulheres negras, como *sujeitos*, distanciando-as de um simples “objeto de estudo”.

A escolha da pesquisa narrativa nesse estudo, visa focar na vida das mulheres negras estudantes entrevistadas, especificamente, nos seus trajetos desde antes até sua chegada na Universidade Pública, a Unilab, tal como Conceição Evaristo escreve em sua obra *Becos da Memória* (2018), melhor dizendo, a *Escrevivência*, que foca em narrativas de pessoas que são marginalizadas, restaurando esses lugares que muitas vezes são retirados, Maria Nazareth no posfácio desta edição da obra de Conceição corrobora que “o sujeito que assume a ação de narrar o que expressam essas vozes excluídas sabe que o registro dos sofrimentos dos miseráveis expõe os cortes constantes no próprio corpo e as feridas difíceis de serem cicatrizadas” (2018, p. 185).

Também busca utilizar o método Fotovoz, segundo Marta Quintiliano (2019, p. 95), “a técnica consiste em fotografar e construir textos a partir das imagens que foram registradas, a ideia é dar voz e escuta a grupos minoritários, refletir sobre a sua realidade e buscar melhorias”, ou seja, durante o processo da pesquisa em campo, registrar e incluí-las no trabalho, como forma de material, tendo noção o pedido de permissão das entrevistadas, elas registrarão fotos que possam associar ao afroafeto, melhor dizendo, a imagem que represente o afroafeto, assim como a trajetória. Mais que o uso do texto, a utilização das imagens como reflexão, provocação de diálogo e assim fazendo com que surja demandas que possam chegar às autoridades que cuidam das políticas (QUINTILIANO, 2019 apud WANG; BARRIS, 1997).

Quanto às técnicas, serão utilizadas as técnicas do uso da interseccionalidade como investigação crítica, para Patrícia Hill Collins (2020) significa trazer vários sentidos interseccionais para estudar sobre fenômenos sociais, assim desafiando e transformando as

relações de poder que estão vigentes naquele contexto. Já a segunda técnica será a utilização da observação etnográfica, com a escrita de um diário etnográfico, de acordo com Creswell (2010), argumenta que a observação etnográfica é uma estratégia de investigação em que a/o pesquisadora/pesquisador estuda, coletando principalmente dados observacionais. E a terceira técnica será a entrevista narrativa, que por sua vez, Sandra Jovchelovitch e Martin W. Bauer (2002), salientam que através da narrativa, as pessoas recordam do que já ocorreu, assim como colocam as experiências e acontecimentos em uma sequência, podendo encontrar possíveis explicações, além disso, a entrevista narrativa é um encorajamento e estimulação para que as/os entrevistadas/os conte uma história sobre algum acontecimento importante na sua vida e do contexto social, ou seja, colocar como a perspectiva das entrevistadas como evidência. Ademais, atribuir que sejam elas (entrevistas), a escrever e contar a própria trajetória.

Em virtude do uso dessas técnicas, focalizam em pensar no contexto da universidade as interseccionalidades das entrevistadas que estão no cotidiano e nas experiências individuais, assim percebendo onde a trajetória e a afroafetividade potencializam no cotidiano. E os dados coletados nas entrevistas respondem a problematização da pesquisa, cujo é: como são as trajetórias das mulheres negras estudantes na Unilab? E como as redes de afroafeto contribuem para permanência no ensino superior?

A princípio de análise do material, foi escolhido o método hermenêutico-dialético, conforme Romeu Gomes (1994, p. 77) denomina que “nesse método a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida. Essa compreensão tem, como ponto de partida, o interior da fala”. Grada (2019) também afirma que deve haver como agenda/demanda uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, porque nós falamos de um espaço e tempo específico, e de uma história e realidade específicas, ou seja, analisando as falas das entrevistadas, tendo em vista sua nacionalidade, realidade, costumes e cultura diferenciadas, esse tipo de análise busca compreender as falas internamente.

Além disso, é importante ressaltar que haverá uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo a explicação da natureza da pesquisa, o envolvimento, o critério de confidencialidade e tendo procedimentos previstos obedecendo aos Critérios de Ética da Unilab<sup>19</sup> e Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)<sup>20</sup>. Após o

---

<sup>19</sup> UNILAB. Comissão de Ética Pública CEP. Disponível em: <https://unilab.edu.br/cep/>. Acesso em: 29 jan. 2023.

<sup>20</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CONEP). Disponível: <http://conselho.saude.gov.br/comissoes-cns/conep/>. Acesso em: 29 jan. 2023.

consentimento na participação da pesquisa e da entrevista, a gravação será realizada e depois armazenada, as entrevistas são transcritas e analisadas de acordo com o método hermenêutico-dialético.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Monaliza Silva; JÚNIOR, Paulo Roberto da Silva. **Uma Investigação sobre as trajetórias de mulheres negras na Universidade Pública**. Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq. Vol. XXV, número 2, jul-dez, 2020, p. 127-163. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/7767/5454>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ALEXANDRE, Aleksandra. **A Trajetória das mulheres quilombolas no ensino superior na Unilab (CE)**. 2022. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades) – Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, CE, 2022.

APARECIDA, Sueli Carneiro. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 339 f. Tese (Pós-Graduação em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, pp. 323-325. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019, p. 18. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/554207/2/eBook%20-%20Interseccionalidades.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2023.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRASIL. Lei Nº 12.289, de 20 de julho de 2010. **Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12289.htm). Acesso em: 22 jan. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento**. Estudos Avançados 17 (49), 2003. Pp. 117-132. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. tradução Rane Souza. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2020.

COSTA, Jacqueline da Silva. **Cor e Ensino Superior: Trajetórias e Experiências de Estudantes Cotistas da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT**. 2015. 298

f. Tese (Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Educação e Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7643>. Acesso em: 30 abr. 2023.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativos, quantitativos e misto**. 3º Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, Ana Cássia Alves. **Ser mãe e Universitária: Entre desafios e afetos**. 2021, 35 f. (Projeto de Pesquisa do Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades) – Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, CE, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2802/1/Projeto%20TCC%20-%20Ana%20C%3%a1ssia%20Alves%20Cunha.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2023.

DANNEMANN, Angela. Vivências da absorção e da expressão. Pp. 226 – 243. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. DICIONÁRIOS DE SÍMBOLOS. **Sankofa**: significado desse símbolo africano. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2ª Ed.— Rio de Janeiro, RJ :Pallas Míni, 2018.

FERNANDES, Nathaly Cristina. **Racismo na Infância: Impactos Psicológicos**. VII Congresso Internacional de Psicologia da UEM – VII CIPSI. Teatro Calil Haddad, Campus UEM. Maringá – PR. 2018. Pp. 1 – 10. Disponível em: [https://npd.uem.br/eventos/assets/uploads/files/evt/6/trabalhos/6\\_14\\_1523805096.pdf](https://npd.uem.br/eventos/assets/uploads/files/evt/6/trabalhos/6_14_1523805096.pdf). Acesso em: 17 abr. 2023.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Posfácio: Costurando uma Colcha de Memórias. Pp: 185 – 192. *In*: EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

GOMES, Peti Mama. **Ser Mulher Africana e Estudante no Contexto de Diáspora: Alguns Aspectos do Cotidiano de Estudantes Guineenses no Maciço de Baturité-Ce**. 2016, 66 f. (Monografia do Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. 2016. Disponível em: [https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2893/1/Peti\\_Vers%3%a3o%20com%20revis%3%a3o%20das%20imagens.pdf](https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2893/1/Peti_Vers%3%a3o%20com%20revis%3%a3o%20das%20imagens.pdf). Acesso em: 30 abr. 2023.

HOLANDA, Maria Auxiliadora Gonçalves de; WELLER, Wivian. **Trajetórias de vida de jovens negras da Universidade de Brasília no contexto das ações afirmativas**. Poíesis –

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina. Unisul, Tubarão, v. 8, n. 13, p. 57-80, jan/jun 2014. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/2170/1624>. Acesso em: 30 abr. 2023.

*hooks*, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Tradução: Ana Luiza Libânio. – 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

*hooks*, bell. **Tudo sobre o Amor**. São Paulo: Elefante, 2021.

*hooks*, bell. **Vivendo de Amor**. Portal Geledés, São Paulo, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 19 nov. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. 2ª Edição. Estudo e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica. Nº 48. 2022. Pp. 1-16. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf). Acesso em: 17 abr. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Censo Escolar, 2019**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1dE6pvlGZGaMQdgUsim3YtCihS6GklOsT/view>. Acesso em: 16 jan. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

LITERAFRO. Conceição Evaristo. **Literafro: O portal da literatura afro-brasileira**. 19 jan. 2023. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MAIA, Suzana; Batista, Jeferson. **Reflexões sobre a autoetnografia**. Prelúdios, Salvador, v. 9, n. 10, p. 240-246, ago./dez. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A Invenção das Mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução: wanderson flor do nascimento – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PORTAL GELEDÉS. Ubuntu: A Filosofia Africana que Nutre o Conceito de Humanidade em sua Essência. **Portal Geledés**. 13 mar. 2016. Disponível em:



## ANEXOS

### ANEXO A – O AFROAFETO NA MINHA TRAJETÓRIA EM FOTOS

**Figura 1 - Ana Raquel com primas/os e irmã (Liana) na casa da Bisavó paterna (Maria Simão), na cidade de Palmácia/CE**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2007

**Figura 2 - Cleonice Bezerra (mãe), Cleane Silva (irmã), Liana Silva (irmã) e Ana Raquel em um evento familiar**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2021

**Figura 3 - Cleonice Bezerra (mãe) e Ana Raquel (filha) em um evento familiar**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2021

**Figura 4 - Antonio Lincoln (pai) e Maria Laura (irmã)**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022

**Figura 5 - Laudemir Caxilé (pai da Cleane), Victor Caxilé (irmão da Cleane), Cleane Silva (irmã), Lucas Santos (cunhado) e Ana Raquel (filha) no jogo do Fortaleza Esporte Clube, no Castelão, Fortaleza-CE**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022

**Figura 6 - Maria Eunice (avó paterna) e Ana Raquel (neta)**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2021

**Figura 7 - Antonio Iago, Igo Maia, Jair Luid, Kauan Emerson, Bruno de Paula, Ana Raquel e Ana Caroliny em um passeio ao rio na cidade de Acarape-CE**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

**Figura 8 - Samuel Cunté e Ana Raquel**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022

**Figura 9 - Diana Duarte, Elizabete Essamai, Mariana (Marlene) Doroteia, Ana Raquel, Fernanda Damião e Clara Sambu na defesa de TCC da Ana Raquel**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

**Figura 10 - Prof.<sup>a</sup> Natália Cabanillas, Prof.<sup>a</sup> Peti Mama, Ana Raquel, Prof.<sup>a</sup> Jacqueline Costa e Prof.<sup>a</sup> Marta Quintiliano depois da aprovação do TCC**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

**Figura 11 - Chão de Conversa sobre “As Redes Afnarrativas de Afroafetos e Curas” com a Prof.<sup>a</sup> Marta Quintiliano na sala do CIEG/UNILAB**



Fonte: João Pedro (JPRETO), 2023

**Figura 12 - Participante e banca na defesa de TCC da Ana Raquel**



Fonte: Marcelo, 2023

**Figura 13 - Reunião com algumas/alguns membras/os do Centro Acadêmico do BHU (Gestão 2021/2022) na Unidade Acadêmica dos Palmares**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022

**Figura 14 - Projeto de Extensão Ateliê de Antropologia Viva (2023) em sua apresentação final**



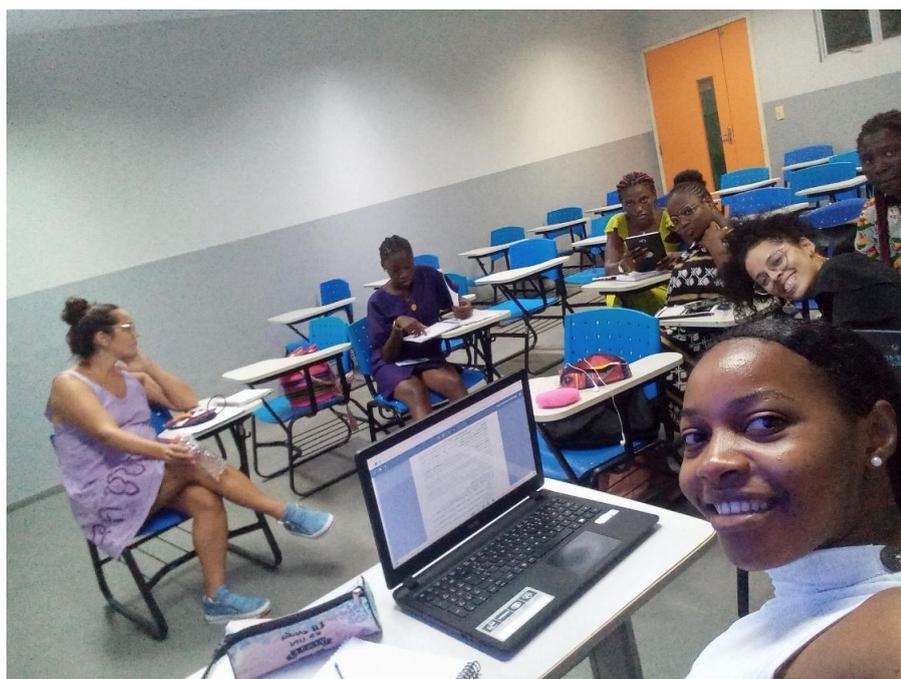
Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

**Figura 15 - Reunião do Projeto de Pesquisa “Gênero e Feminismo em África Global”, com Ana Raquel, Fátima Campune, Ericânia Almeida, Diana Duarte, Prof.<sup>a</sup> Natália Cabanillas, Rita Assaitu e Elizabete Essamai, na sala do CIEG/UNILAB, na Unidade Acadêmica dos Palmares**



Fonte: Elizabete Essamai, 2022

**Figura 16 - Reunião do Projeto de Pesquisa “Gênero e Feminismo em África Global”, Prof.<sup>a</sup> Natália Cabanillas, Diana Duarte, Ericânia Almeida, Fátima Campune, Ana Raquel, Elizabete Essamai e Mariana (Marlene) Doroteia**



Fonte: Mariana (Marlene) Doroteia, 2023

**Figura 17 - Isadora Alexandre e Ana Raquel na formatura de 2022.1 nos Campus das Auroras**



Fonte: Isadora Alexandre, 2022

**Figura 18 - Carrecor Pereira e Ana Raquel**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022